

Claustro del-rei D. Manuel, no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (claustro do Silencio)

MOSTEIRO DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

(Vid. pag. 33)

II

FASTOS DO MOSTEIRO

São gloriosos estes fastos tanto para a ordem agostiniana, como para Portugal.

Já de per si lhe serve de grande brasão ter cavado nos alicerces do mosteiro o fundador da monarchia portugueza. E depois, concluida a obra, muitas vezes se ouvia resoar no templo a voz do vencedor de Ourique, acompanhando os conegos em seus canticos sagrados. Honrava-se tambem este monarcha, intitulando-se conego regrante de Santo Agostinho, para o que professára na ordem terceira do mesmo mosteiro. Seguiram este exemplo alguns reis, seus successores; e D. Sancho II foi cognominado o *Capello* por andar vestido, sendo menino, no habito dos conegos regrantes, em cumprimento de um voto feito por seus paes durante uma grave enfermidade que padecêra.

A par d'estas honrarias brilha nos fastos de Santa Cruz a gloria militar. Quando o imperador de Marrocos veiu com poderoso exercito sobre a cidade de Coimbra, no anno de 1190, reinando D. Sancho I, depois de inuteis tentativas para se apoderar da cidade, sitiou e acommetteu com repetidos assaltos o mosteiro de Santa Cruz. Ficava então da parte de fóra das muralhas. Posto que fortalecido por el-rei D. Affonso Henriques com grossos muros e torres ameiadas, só á custa de muito esforço e coragem conseguiram os seus defensores salvar a casa de Deus da profanação dos infieis.

Quanto a privilegios e preeminencias, poucos mosteiros portuguezes lograram tantos e tão grandes. Parecia que os pontifices andavam em competencia, qual lhe havia de conceder maiores prerogativas. Indicaremos sómente as mais notaveis.

Era o mosteiro de Santa Cruz isento do ordinario. Os seus priores, considerados como immediatos á sé apostolica, tinham jurisdicção nas suas egrejas, não só episcopal mas até metropolitana, pois que das suas sentenças ou excommunhões só para o papa ou legado pontificio se podia appellar. Esta jurisdicção não se limitava aos outros mosteiros da ordem em Portugal; estendia-se a muitas egrejas parochiaes dos arcebispados de Coimbra, de Leiria, de Lamego, de Elvas e de Lisboa, nas quaes lhes era permittido exercer todos os actos pontificaes, e dar ordens menores aos seus subditos.

A estas regalias ecclesiasticas accrescentaram os nossos reis importantes mercês honorificas. Eram, pois, os ditos priores do conselho del-rei, e nas cartas de doações reaes, privilegios, etc., assignavam em seguida aos bispos; e nas cortes tinham o primeiro logar acima de todos os prelados que não presidiam a alguma diocese.

Por occasião da ultima transferencia da universidade de Lisboa para Coimbra, concedeu el-rei D. João III aos mesmos priores, por carta regia de 15 de dezembro de 1539, o cargo de cancellario perpetuo da dita universidade, que exerceram até á extincção das ordens religiosas. Era este então o primeiro cargo da universidade. Presidia ao proprio reitor, e dava todos os cargos de licenciado, doutor e mestre nas diversas faculdades.

O mosteiro de Santa Cruz era cabeça da ordem. O seu prelado intitulava-se dom prior geral; trajava vestes episcopaes; e por bulla do papa Paulo IV foi creado reformador de todos os mosteiros de conegos regrantes de Santo Agostinho que havia em Portugal.

Finalmente, el-rei D. Manuel ordenou que todos os conegos d'este mosteiro se denominassem capellães del-rei, e gozassem de todas as honras inherentes a tal cargo.

Os proventos egualavam, se não excediam, a todas estas preeminencias. O priorado de Santa Cruz de Coimbra tinha tal rendimento, que era reputado não inferior ao do arcebispo de Braga.

Na gloria do primeiro commettimento das letras em o nosso paiz, disputa este mosteiro a primazia ao de Alcobaça. Na verdade, não é questão facil de resolver qual d'elles teve a idéa inicial de fundar escholas publicas de letras e sciencias, sendo certo que em ambos os

mosteiros houve estudos para quem os queria frequentar, desde o principio da monarchia. Constavam estes estudos, em seu começo, de ler, latim e theologia. Mais tarde accrescentaram-lhe medicina, e ainda outras disciplinas, para o ensino das quaes mandava a ordem alguns de seus conegos á universidade de Paris, d'onde voltavam formados para servir de lentes no mosteiro de Santa Cruz.

El-rei D. Sancho I, approvando e querendo secundar este generoso impulso, fez doação ao mosteiro de Santa Cruz, aos 14 de setembro de 1199, de quatrocentos morabitinos para sustento dos conegos que estudavam em França.

Coube tambem a este mosteiro a honra de dar alojamento por algum tempo á universidade quando foi transferida pela ultima vez de Lisboa para Coimbra, e antes del-rei D. João III conceder os paços reaes d'esta cidade para assento definitivo da mesma universidade, onde se estabeleceu e se conserva.

Os nomes dos homens eminentes em virtudes e saber, ou distinctos pela nobreza do sangue, que professaram n'este mosteiro, ou n'elle viveram religiosamente, bem como os que d'elle saíram para occupar diversas dioceses no reino e no estrangeiro, e outros altos encargos na hierarchia ecclesiastica, constituem uma das mais brilhantes paginas dos fastos de Santa Cruz.

D'entre os primeiros basta que nomeêmos um, que falla por todos pela grandeza do seu nome. É Santo Antonio, que tendo professado no mosteiro de S. Vicente de Lisboa, ao cabo de dois annos foi fazer os estudos ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, onde pelo espaço de nove annos foi um verdadeiro espelho de todas as virtudes christãs.

Os segundos compõem um extenso catalogo, em que figuram principes filhos de reis e de infantes; e os dois regulos moiros que, ficando captivos na batalha de campo de Ourique, receberam a graça do baptismo, e depois a murça dos conegos regrantes.

Tambem não é menos extensa a lista dos conegos regrantes que saíram d'este mosteiro para o solio episcopal. Contam-n'os entre os seus prelados as sés de Braga, do Porto, de Lamego, de Vizeu e Lisboa, n'este reino; as de Orense, de Tuy e de Compostella, na Galliza; e a de Osma, na Castella. Alguns d'estes vestiram a purpura cardinalicia.

Um dos titulos que mais ennobrecem este mosteiro é servir de jazigo aos dois primeiros reis de Portugal.

O capitulo dos reis, principes e outras pessoas illustres que se hospedaram ou simplesmente visitaram este monumento historico, póde fechar dignamente os fastos do mosteiro de Santa Cruz. Quasi todos os nossos monarchas, desde el-rei D. Affonso Henriques até ao sr. D. Luiz, levaram ao venerando sanctuario de Santa Cruz de Coimbra o tributo das suas orações, e ao monumento coevo da fundação da monarchia as homenagens do seu respeito.

Alguns soberanos alli deixaram commemorada a sua visita com honras e mercês que dispensaram ao mosteiro.

El-rei D. Affonso V honrou-o, indo por varias vezes alli jantar, e comendo no refeitorio com os conegos. El-rei D. João III, entrando em Coimbra, depois de ter cedido os seus paços para assento da universidade, foi hospedar-se no mosteiro de Santa Cruz; e em obsequio da communidade quiz ser servido durante a sua residencia no mosteiro pelos proprios criados do dom prior. Por esta occasião ordenou que os ditos criados se chamassem d'ahi em diante *moços fidalgos;* titulo que depois se fez extensivo aos do dom prior de S. Vicente de Fóra, em Lisboa, e que se conservou até á extincção das ordens religiosas em 1834.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

TEMPESTADES DE ALDEIA

(Conclusão. Vid. pag. 231)

IX

«Como o sr. capellão póde imaginar, continuou o Antonio depois de uma breve pausa, apesar de tudo isso, não lhe perdi a esperança. Estava tão habituado á victoria, que não podia facilmente julgar-me derrotado. «Caprichos de rapariga, dizia eu commigo, quer que lhe façam a corte e que a requestem; pois cumpra-se a sua vontade.»

«Indaguei e soube que o noivo de Rosalina era um rapaz do sitio, que fôra a Lisboa tentar fortuna para á volta se casar. Eu não acreditava muito em constancias femininas. A ausencia do meu rival pareceu-me que servia admiravelmente os meus projectos de o supplantar.

«Comtudo, como habil que era n'estas guerras amorosas, não me tornei a apresentar como namorado. Mas o meu silencio dizia mais do que as minhas palavras diriam. Eram uns cuidados para com ella, eram uns desvelos, umas finezas, umas attenções! nunca olhava nem de relance para as outras raparigas! todo me esforçava, em fim, por lhe mostrar, sem lh'o dizer claramente, que a amava sempre, e que, se lh'o não dizia, era só por mera obediencia á ordem que me déra, obediencia que era mais uma prova do meu amor.

«Mas a ingenuidade de Rosalina derrubava os meus planos; tomava por verdadeiro o que não era senão fingimento; via na minha apparente resignação sincera desistencia. D'aqui resultou que, illudindo-se ella, a mim me illudiu; porque me mostrou uma confiança e uma amizade que eram apenas resultados da sympathia que lhe inspirava o meu caracter franco e folgazão, e que eu tomei por symptomas de um amor nascente.

«D'ahi a tempos, vinha eu para a missa, n'um domingo, quando, antes de chegar ao recanto da estrada, onde principia a divisar-se a egreja, senti um chilrear de vozes femininas; continúo o meu caminho, e vejo um bando de raparigas, que a minha apparição põe em completa derrota, e que fogem para todos os lados, umas descalças, outras coxeando com um sapato na mão, e todas rindo ás gargalhadas, ficando só no meio da estrada Rosalina, que se ria mais do que todas.

«A explicação da fuga logo me occorreu. Sabe o sr. capellão que as raparigas do sitio costumam andar descalças, e que reservam para o domingo o luxo inaudito de calçarem sapatos. Porém, ou para os pouparem quanto lhes for possivel, ou para se esquivarem, o mais tempo que lhes é permittido, ao sacrificio que fazem ao luxo domingueiro, vem com os sapatos na mão até ao logar d'onde principiam a entrever a egreja, e alli os calçam, ficando anciosas por voltarem, depois de acabada a missa, ao mesmo ponto, onde tornam a restituir a liberdade aos pés, que suspiram por ella.

«Rosalina, que tinha uns instinctos de delicadeza superiores á sua condição, nunca se sujeitára á moda, e usava toda a semana sapatos, que lhe desenhavam um pé maravilhosamente bem feito. Este luxo fôra ao principio estranhado, mas logo as outras se tinham habituado a verem Rosalina assim, e achavam naturalissima essa infracção aos costumes da terra. Essas pobres aldeãs não se espantavam se vissem apparecer Rosalina de coroa na cabeça e manto real nos hombros. Parecia effectivamente que para ser rainha nascêra.

«Por isso ficárá ella sósinha no meio da estrada, em quanto as outras, que eu soprendêra a calçarem-

se, fugiam para um e outro lado, como passarinhos assustados.

«Rosalina dirigiu-se para mim com o seu modo desembaraçado, porém mais alegre que de costume.

—«Olhe o que vossemecê fez, sr. Antonio, disse-me ella. Agora não se demore aqui, senão as pobres raparigas não vão á missa, ou apparecem descalças na egreja.

—«Mas a sra. Rosalina, que já está calçada...

—«E então?

—«Póde vir andando.

—«É verdade, respondeu ella, vamos lá.

«E, arregaçando um pouco as roupinhas, a formosa aldeã poz-se a caminho ao meu lado.

«Estava ella n'esse dia palreira como passarinho em manhã de abril; não sei que estranha aureola lhe circundava a fronte, e a fazia parecer ainda mais bella que do costume; os seus olhos jorravam torrentes de jubilo, suas faces afogueavam-se nas vividas rosas do prazer, parecia que se sentia mais ligeira e que não andava, que pairava no chão; o seu espirito estava arrobado n'algum enlêvo, cujo motivo eu ignorava. Mas não me descuidei, apesar d'isso, e quiz ver se aproveitava a occasião.

—«Então, Rosalina, disse eu entre risonho e serio, não é já tempo de me dar uma esperança?

—«Esperança de quê? — tornou ella olhando com espanto para mim.

—«Ora de que ha de ser? De dar uma esmolinha de amor a este pobre mendigo.

«Rosalina soltou um sonora gargalhada.

—«Ah! ah! — disse ella. Ainda elle se lembra d'isso! Quer uma esmolinha, irmão? Só se se resolver a apanhar migalhas. Sr. Antonio Domingues, tenho a honra de o convidar para a minha boda. Então não disse isto como uma dama da corte? — continuou ella fazendo-me uma mesura com gravidade comica.

«Mas eu nada ouvíra senão estas palavras: «a minha boda», que me dançavam diante dos olhos, escriptas em letras de fogo.

—«A sua boda! — repeti eu sem ter a consciencia do que dizia.

—«Caso ámanhã com o meu noivo, que chegou hontem de Lisboa, accrescentou ella.

«E toda jubilosa entoou uma alegre modinha campestre.

—«A sua boda! o seu noivo! — repetia eu como se tivera ensandecido. O seu noivo! a sua boda! o noivo de Rosalina!

«Parecia-me impossivel, monstruoso, ligar uma á outra estas palavras.

Rosalinha olhava para mim espantada, quasi assustada. A final, os olhos faiscaram-me, cegue-me de furor, cerraram-se-me os dentes, e, agarrando-lhe no pulso com brutalidade, exclamei com voz tremente:

—«Rosalina, tenha cautela!

—«Cautela por quê? — respondeu-me ella a tremer toda, e quasi a chorar. Está-me a fazer doer tanto! Eu não lhe fiz mal, sr. Antonio.

«Recuei largando-lhe o pulso, e disse-lhe, procurando conter-me:

—«Desculpe-me. Eu tenho ás vezes d'estes accessos. Já me passou. Não faltarei ao seu convite.

«E, saltando de um vallado, deixei-a continuar o seu caminho para a egreja.

X

«Nem eu lhe posso dizer, sr. padre, a tempestade que me salteou de subito, vendo assim destruidos os castellos que edificára com tanto amor, as esperanças que por tão largo tempo acariciára. Todas as más paixões que jaziam adormecidas no fundo do meu peito despertaram a um tempo, e vieram segredarme ao ouvido tentações medonhas! Ás vezes parecia-me ainda impossivel que houvesse uma mulher que resistisse á fascinação que eu estava habituado a exercer. Essa era a ferida da vaidade. Mas, devo dizel-o, o que mais me atormentava era o pensamento de ver Rosalina pertencer a outro homem. Essa era a ferida do amor.

«Oh! quando eu pensava n'isso, quando eu pensava que outro homem gozaria a ventura por que eu tanto anciava, parecia que me estalava a cabeça ao sopro ardente d'esse pensamento de fogo, e parava, e soluçava, e fazia mil projectos de vingança; e depois devorava as lagrimas, saboreando com ellas o ante-gosto d'esse prazer infernal.

«Finalmente, dirigi-me á egreja onde estamos. Queria conhecer esse homem, que me saía inesperadamente á estrada da vida e que me roubava o meu thesoiro sonhado, o meu doce thesoiro de amor e ventura.

«Vi-o; era um galante rapaz, alto e bem feito, serio, comedido, e vestindo com uns certos modos de homem da cidade a sua jaqueta de veludilho. Não me foi necessario perguntar quem era. A direcção dos olhos de Rosalina claramente m'o indicava.

«Oh! como elles estavam embebidos na sua mutua felicidade. A louquinha nem se lembrava já do que eu lhe dissera havia pouco, e não pensava senão em mirar-se e remirar-se no espelho namorado dos olhos de seu noivo.

«Era aquella, pois, a dulcissima expressão com que os olhos de Rosalina acariciavam aquelle a quem amava! Era a primeira vez que eu via Rosalina. A mulher que amára até ahi não era senão um pallido reflexo do que tinha diante dos olhos, uma sombra sem vida, uma estatua sem fogo interno. E a mulher radiante, anciosa por amar, haurindo todas as brisas perfumadas da existencia, essa só agora se me revelava.

«Então, aqui no templo divino (perdoae-me, meu Deus, esta profanação), resolvi friamente perpetrar um crime. Conheci que me era insupportavel a idéa de que Rosalina fosse de outro, e não só a Rosalina que me impressionára, mas essa nova Rosalina, a borboleta de azas matizadas que saíra, á voz do amor, do involucro comparativamente grosseiro, a que eu consagrára tanto affecto.

«Fitei um olhar sinistro e agudo, como o bico de um punhal, n'esse homem a quem eu odiava, e que nem me conhecia, nem me via, e murmurei friamente: — Deves morrer.

«Saí sem fallar a pessoa alguma. Os que me viam passar, assim pallido, sinistro e mudo, afastavam-se instinctivamente, perguntando uns aos outros:

—«O que terá o Antonio Domingues?

«Ouvi uma voz que respondia:

—«Pois não sabem? Fazia os seus rapapés á Rosalina, e a Rosalina zombou d'elle. Ella casa ámanhã, de sorte que o rapaz está como uma bicha.

«Ia a voltar-me enfurecido; susteve-me a reflexão, e continuei silencioso o meu caminho.

«Quem poderá dizer o horrendo combate que se me travou no espirito durante essa noite maldita? Não parei em casa. Corria á luz do luar, como um ente phantastico, saltando sebes, caindo prostrado ao pé das oliveiras, levantando-me de novo, e correndo sem fim, sem termo, sem intenção, como se já me perseguisse um espectro, como se a voz da consciencia já me murmurasse ao ouvido: «Assassino!», como se o remorso já cravasse no meu peito as suas garras despiedosas. Mas os espectros que me perseguiam, que eu via por toda a parte como que nascidos de um raio da lua, eram os dois vultos de Rosalina e do seu noivo, com as mãos entrelaçadas, com os olhares confundidos n'um olhar languido e fervente, com as bocas palpitantes. A voz que eu ouvia era a de Rosalina,

que dizia: «Amo-te!» e as garras que eu sentia não eram as do remorso, eram as do ciume.

«A aurora, ao despontar, encontrou-me na crista de um cabeço, livido, com os olhos injectados de sangue, com os cabellos hirtos. Se algum aldeão me visse, diria que tinha acabado de assignar um pacto com Satanaz.

«Não fôra assim com effeito? Não me tinham vencido as más paixões, e n'esses primeiros raios da manhã não subia para o ceo o vulto luminoso e triste do meu anjo da guarda?

XI

«Depois de ter tomado a minha resolução, preparei-me para a executar com uma placidez e com uma crueldade verdadeiramente infernaes. Despendurei a minha espingarda, limpei cuidadosamente o cano e a fecharia, muni-me de capsulas, carreguei-a com um cartucho embalado, e fui-me postar por detraz da sebe que orlava a estrada a uns cincoenta passos de distancia d'esse cotovelo, onde eu fizera fugir as raparigas que se estavam calçando. Tencionava matar o meu rival logo que elle, voltando da egreja, assomasse a esse recanto. E collocára-me a tal distancia a fim de poder fugir logo, não por covardia, mas porque alimentava não sei que esperança criminosa. As mulheres tem caprichos tão extravagantes! Não lêra eu, em casa do meu padrinho, que uma napolitana, a quem um salteador matára o marido que ella amava extremosamente, fugíra depois com o assassino? Esta esperança não a queria eu confessar, mas é certo que a venenosa planta principiára a brotar-me no fundo do coração.

«Alli estive talvez uma hora. A final, assomou o cortejo dos noivos, que se dirigiam para a egreja. Vinham todos a cavallo. Eu não conhecia os usos dos casamentos no Ribatejo; fiquei espantado de ver a cavalgada. Rosalina ia formosa a mais não poder ser. O desposado, todo guapo, com o seu fato completo de veludilho novo. Acompanhavam-n'os os parentes e amigos, tambem a cavallo e com seus fatos pimpões. Atraz ia muita gente, uns a pé, outros a cavallo, porque todos tinham largado os seus trabalhos para irem assistir ao casamento da *Rosa linda*, como lhe chamavam.

«Podia facilmente matar o meu rival n'essa occasião, mas não quiz por um requinte de crueldade. Quiz que elle saboreasse o licor da ventura, quiz que se julgasse senhor da felicidade, que bradasse ufano: «É minha a formosa dos campos» para que a lingua de fogo da minha espingarda lhe respondesse: «Não, a tua noiva é a morte.»

«Deixei passar o sequito; depois puz a espingarda ao lado, e esperei. Quasi que nem respirava; não tinha já nem hesitações nem remorsos; estava libando as poucas gotas de mel da vingança, cujo fel immenso ia tragar dentro em pouco.

«Finalmente senti repicarem os sinos da egreja. Palpitou-me o coração com violencia. Engatilhei a espingarda, e esperei.

«Como já lhe disse, era muito destro no tiro. Apontava com a rapidez de um relampago, desfechava, e podia estar certo que a bala fôra parar ao sitio que eu lhe marcára.

«Mas n'essa occasião sentia um grande receio. Como viriam os noivos? Como seria o costume na terra? Viriam a pé, de braço dado? E, se viessem, não me tremeria a mão, com o susto de ferir Rosalina? Estive dez minutos em transes mortaes. A final, vi apparecer muita gente, que se dispunha em alas ao longo da estrada. Depois comecei a vêl-os atirarem confeitos. Aproximavam-se os noivos. Vinham a pé, por força, vinham a pé. Tremeu-me o corpo todo.

«A final, no cotovelo da estrada assomou a cabeça de um macho, todo enfeitado de guizos e de plumas, e logo depois o vulto do noivo, que vinha a cavallo, e que saudava com um sorriso os que lhe atiravam confeitos. Eu já tinha posto a espingarda á cara como precaução. Assim que vi que o noivo vinha a cavallo, soltei uma exclamação de alegria e desfechei.

«Ouvi um grito de dor confundido com um brado de raiva e de espanto, e vi como que despegar-se de traz do vulto do noivo o vulto de Rosalina que caía inanimada no chão [1].»

XII

Antonio parou por um instante. Parecia que a horrivel scena se lhe representava de novo na phantasia. Corria-lhe o suor em bagas pela fronte livida. O sacerdote apertou-lhe a mão, dizendo:

— Continue, meu filho. Um peccador que se arrepende é recebido com jubilo no reino do ceo.

«Oh! meu padre, respondeu Antonio, mas estarei eu devéras arrependido? Este remorso saltear-me-hia se a bala matasse aquelle a quem era dirigida? Em todo o caso, meu padre, foi bem terrivel o castigo do meu criminoso intento, e depois foi bem longa e bem amargurada a expiação.

«Percebe como succedêra aquelle desastre. Ignorando os usos das bodas da terra, não sabia que, á volta da egreja, vinham os noivos na mesma cavalgadura, indo a noiva de garupa. Só receava que elles viessem a pé, com os braços enlaçados, e não suspeitára a verdade. Assim que vi apparecer o vulto do meu rival a cavallo, julguei-me seguro. Bala atirada por mim não podia falhar, e não falhou com effeito. Se a cabeça de Rosalina, no mesmo instante em que eu punha o dedo no gatilho, não se encostasse levemente á cabeça de seu marido, e, por essa meiga pressão, não lh'a desviasse uma linha, estava morto infallivelmente. A bala passou-lhe de raspão pelos cabellos, e foi bater em cheio na fronte de Rosalina.

«Quando os aldeãos correram para o sitio d'onde o tiro partira, encontraram-me desmaiado. Não sei o que me fizeram; sei apenas que despertei ferido e pizado na cadeia de Santarem, d'onde fui depois remettido para o Limoeiro.

«Que mais lhe hei de dizer, meu padre? Alli passei dez annos horrendos, que me mataram lentamente, que me fizeram soffrer o que se não padece no inferno. Minha pobre mãe tanto chorou, tanto pediu ás portas dos amigos de meu padrinho, que, de commutação em commutação de pena, fui, a final, este anno, comprehendido n'um dos perdões reaes. Minha pobre mãe, que soffrêra tantas dores, não pôde resistir á alegria. Morreu dias antes de eu ser sôlto. Meu pae já a tinha precedido dois annos no tumulo.

«Então, sentindo tambem a morte proxima, quiz intentar a dolorosa romaria, que devia coroar a minha longa expiação. Vim, n'este mesmo templo onde concebêra o pensamento criminoso, derramar aos pés de um ministro do Senhor as lagrimas do meu arrependimento, as lagrimas do meu coração. Poderão lavar tantos crimes?»

Antonio caíra de joelhos, soluçando. O sacerdote ergueu-o, e disse-lhe:

[1] Notam os leitores n'este ponto a identidade do desenlace do meu romance com o do *Casal da Encosta*, do meu bom amigo Bulhão Pato, romance publicado n'este mesmo jornal. Enganam-se, porém, se suspeitam plagiato. Esta coincidencia espantou-nos mais do que a ninguem, porque nenhum de nós tinha conhecimento do escripto do outro. E, o que é mais notavel ainda, e isso pódem-n'o afiançar os dignos proprietarios d'esta folha, é que os dois manuscriptos entraram ao mesmo tempo no escriptorio d'esta redacção, e jazeram ao lado um do outro, sem saberem que eram os desenvolvimentos diversos de uma mesma idéa, germinando em dois espiritos differentes.

Segundo me constou depois, o *Casal da Encosta* fôra suggerido ao sr. Bulhão Pato por um facto verdadeiro succedido na Beira. As minhas *Tempestades de Aldeia* nasceram do desejo de esboçar alguns costumes do Ribatejo, e em especial o uso de voltarem os dois noivos da egreja montados na mesma cavalgadura.

— Sim, meu filho. Christo perdoou á Magdalena porque esta *muito amára*. E, se o Santo dos santos assim procedia, como poderia eu negar-te o perdão, eu, fraco entre os fracos, peccador entre os peccadores, a ti que tanto amaste e tanto soffreste? Fita os olhos com serenidade no mundo de luz, onde tudo é misericordia, e não mais os volvas para a estrada sanguinolenta que trilhaste por um instante. Uma lagrima purifica rios de sangue; não hão de torrentes de pranto lavar um pensamento criminoso?

Antonio ouvia-o enlevado em extase ineffavel.

— Oh! agora posso morrer, murmurou elle.

— Venha commigo, meu filho, tornou o padre; no meu humilde presbyterio encontrará agasalho e conforto. Está prostrado pela sua longa narração; precisa de recuperar as forças, venha.

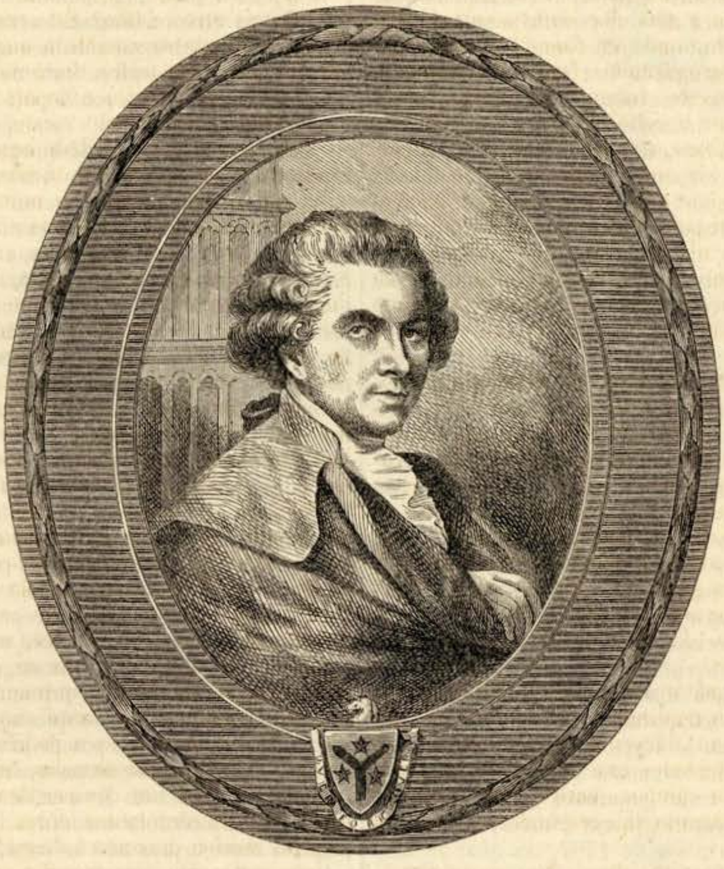
E, dando-lhe o braço, o sacerdote saíu com Antonio da egreja.

Estavam ainda os aldeãos no adro. As suas physionomias indicavam más tenções a respeito do assassino, que apparecia impunemente nos sitios que haviam presenciado o seu crime. Porém, ao verem-n'o pelo braço do sacerdote, e principalmente ao verem-n'o tão desfigurado, que parecia um cadaver, afastaram-se com respeito, como se percebessem que a dor, tornando tão macilenta aquella fronte, desvanecêra, a final, o sangue que a maculava.

....

N'essa mesma tarde, Antonio, que cada vez se sentia mais fraco, recebia os santos oleos, e no dia seguinte, ao cair da noite, saía um humilde enterro da casa do capellão, e dirigia-se para o cemiterio.

Quando a cova que se abrira se tornou a fechar, depois de se sumir o caixão; quando os coveiros se retiraram com a indifferença que dá o habito, o sacerdote ficou largo espaço a scismar defronte d'esse



Jacob Cavanah Murphy

pobre sepulchro, epilogo de tão sombria historia, e a final, deixando descair a fronte, murmurou estas palavras, que eram a concisa traducção dos pensamentos que lhe tinham fervido na mente: «Amaste, viveste; invejo-te!»

E, conchegando ao peito com phrenesi doloroso a batina, gelida mortalha que lhe prohibia o pulsar do coração, o juvenil sacerdote afastou-se lentamente caminho do presbyterio.

M. Pinheiro Chagas.

JACOB CAVANAH MURPHY

Entre os estrangeiros a quem o nosso paiz deve gratidão, figura o nome de Jacob Cavanah Murphy, o distincto artista inglez, auctor da *Historia e descripção do real convento da Batalha*.

Este edificio é, como tantas vezes temos dito, um dos mais gloriosos padrões historicos do reino, não só pela grande victoria que commemora, e pelos transcendentes resultados d'esse brilhante triumpho, mas tambem por ser um verdadeiro marco erigido por mãos de heroes no caminho dos nossos progressos, onde assignala o começo de uma epocha que viu transformar-se Portugal, pobre e pequena nação que era, em um vasto, poderoso e florescente imperio, que empunhou o facho da civilisação.

Se aquelle edificio, além de tão ponderosos predicados, é, como não se póde duvidar, o nosso monumento artistico por excellencia, onde a architectura e a esculptura porfiaram em crear primores; se este monumento, em fim, é para nós uma epopêa das mais altas glorias nacionaes, e um museu da mais apurada arte portugueza, bom e prestante serviço nos fez, certamente, o habil artista que, vindo ao reino para es-

tudar e desenhar minuciosamente em todas as suas partes aquella fabrica grandiosa, tão rico livro compoz dos seus estudos e desenhos, ornado com tão bellas gravuras, que o monumento portuguez, que por tantos modos nos honra, se fez assim conhecido e justamente apreciado por toda a Europa.

É, pois, bastante este titulo para que o retrato de Murphy occupe um logar no *Archivo Pittoresco*, entre os dos homens que bem mereceram d'este paiz. E tambem será razão para que lhe tributemos esta homenagem, o trabalho em que andâmos empenhados sobre o edificio monumental da Batalha.

Pouco sabemos da vida d'este distincto architecto: entretanto, os escassos apontamentos biographicos que podémos obter, aqui os ajuntâmos ao seu retrato, copiado de uma photographia, que é já cópia do retrato que adorna o seu precioso livro, sobre o edificio da Batalha.

Jocob Cavanah Murphy teve por patria a Irlanda, nos principios do terceiro quartel do seculo passado.

A julgar pela cultura de seu espirito e pela polidez de seu trato, segundo o testimunho de pessoas que conviveram com elle durante a sua residencia em Portugal, deveria ter tido uma educação esmerada.

A architectura e a archeologia foram os seus estudos predilectos. Para os desenvolver e aperfeiçoar emprehendeu várias viagens no reino-unido de Inglaterra e Irlanda, e em diversos paizes estrangeiros.

Não podia um amador de antiguidades esquecer-se da Peninsula Iberica, onde os romanos, os godos e os arabes deixaram tantos vestigios do seu dominio em variados generos de monumentos, muitos d'elles esplendidos.

Dirigiu-se, pois, Murphy á Hespanha e Portugal em 1789; percorreu quasi todas as provincias d'estes reinos, e visitou os seus principaes edificios e as mais notaveis reliquias da antiguidade.

Gastou perto de dois annos n'esta viagem instructiva, e d'este espaço de tempo empregou uma boa parte no exame e estudo do convento da Batalha, no qual residiu por alguns mezes, sendo hospedado e muito bem tratado pelos religiosos.

A sua viagem á Peninsula forneceu-lhe assumpto para muitos escriptos, em que patenteou não vulgares conhecimentos em architectura e archeologia, mas especialmente para quatro obras que lhe grangearam boa reputação na republica das letras. São estas obras: *Viagem a Portugal, etc., durante os annos de* 1789 e 1790, publicada em Londres em 1795, um volume in 4.°, adornado com algumas gravuras de monumentos, costumes e trajos populares; d'este livro fez mr. Lallemant uma traducção em francez, que se imprimiu em Paris no anno de 1797, da qual se fizeram duas edições, uma de dois volumes in 8.°, e outra de um volume in 4.°: — *Rapido exame do estado de Portugal*, um volume in 4.°, Londres 1798. — *Planos, Alçados, Córtes e Vistas da egreja da Batalha*, um volume in folio, com muitas gravuras, impresso em Londres no anno de 1795: — *Antiguidades Arabes na Hespanha*, um volume in folio maximo, com grande numero de gravuras, publicado em Londres em 1813.

Não se limitou o auctor a historiar e descrever os monumentos; nas duas ultimas obras, e principalmente na da Batalha, trata com bastante proficiencia as questões de arte, não só analysando todas as partes do edificio que se vêem acabadas, mas até propondo planos para aquellas que ficaram incompletas, e cujo risco primitivo se perdeu.

Apesar do seu elevado custo, vieram muitos exemplares d'esta obra para o nosso paiz. Os principaes conventos das differentes ordens monasticas possuiam nas suas bibliothecas este magnifico livro. Todavia, taes foram os descaminhos que houve n'essas livrarias em seguida á extincção das ordens religiosas, que não chegou um só d'aquelles exemplares aos depositos em Lisboa e Porto, onde foram mandados recolher todos os livros dos conventos. Assim veiu juntar-se ao valor real da obra o apreço da raridade. Dos poucos exemplares que ha em Lisboa tem a bibliotheca publica dois optimos.

Murphy falleceu em Londres no anno de 1816, contando cincoenta annos de edade, pouco mais ou menos.

I. de Vilhena Barbosa.

GALERIAS DE RAPHAEL NO VATICANO

Tenta-se uma grande empreza, qual é a de reproduzir pela gravura os *frescos* pintados no palacio do Vaticano pelo famoso Raphael de Urbino, conhecidos vulgarmente pela denominação de *camaras* ou *galerias* de Raphael.

O auctor d'este emprehendimento acha-se em Lisboa. É o cavalheiro Brugnóli, artista romano, que veiu a Hespanha e Portugal recolher assignaturas para esta obra, e para outra com o titulo de *Historia da pintura desde o principio do seculo* XIII *até ao seculo* XVI, a qual comprehenderá 150 estampas de folio maximo, reproduzindo pelo buril os quadros dos grandes mestres que floreceram n'esses quatro seculos.

As galerias de Raphael compõem-se de 38 estampas, 35 das quaes terão 66 centimetros e meio de largura, e as tres que representam a *Disputação do Santo Sacramento*, a *Eschola de Athenas* e a *Batalha de Constantino*, 82 centimetros. Cada estampa é acompanhada do texto explicativo em italiano, francez e hespanhol, redigido pelo professor Cerroti, director da bibliotheca Corsini, em Roma.

Os desenhos são executados por Pasqualoni e outros artistas insignes.

As gravuras, feitas no estilo do seculo XVI, foram encarregadas aos melhores gravadores de Roma e de Allemanha. O cavalheiro Brugnóli preferiu o systema de Alberto Dureiro e Marcos Antonio ao que actualmente se usa, porque reproduz com mais fidelidade o original (segundo affirma pelo ter experimentado), e além d'isso é mais rapido e economico.

Se assim é, maior estimação deve ter esta obra.

As galerias de Raphael nunca se reproduziram na sua totalidade; é agora a primeira vez que se faz tão arrojada tentativa, para o que o sr. Brugnóli alcançou a necessaria concessão, possue já muitos desenhos concluidos, e tambem algumas gravuras.

Não tem rivaes os *frescos* de Raphael, do portentoso genio da pintura moderna. Divulgal-os é um impagavel serviço prestado ás artes, que todos os que as prezâmos devemos agradecer e auxiliar.

O nosso jornal, pela sua indole e pelo seu programma, não só festeja e propaga tão boa nova, mas recommenda a empreza do cavalheiro Brugnóli a todos os que a poderem proteger, tanto em Portugal como no Brasil, com as suas assignaturas, cujas condições se acham já publicas nos prospectos distribuidos ultimamente.

O representante do emprezario em Lisboa é o nosso collaborador e amigo, o sr. A. J. de Figueiredo, rua do Norte, n. 10, que já tem em seu poder, para mostrar, algumas estampas que hão de entrar nas collecções.

Muitos estabelecimentos publicos assignaram já para esta obra. Sua magestade el-rei tomou seis exemplares, e dignou-se acceitar uma dedicatoria, e el-rei D. Fernando egualmente.

As bellas-artes, posto que não tenham entre nós muitos amadores, sempre foram prezadas em Portugal, e a nossa progressiva civilisação ha de nos remir as culpas que temos n'este cartorio. Silva Tullio.

O FOGO

(Vid. pag. 219)

IX

DESENVOLVIMENTO DO FOGO POR MEIO DE ACÇÕES MECANICAS

Pretendem que foi por uma acção mecanica que o fogo se produziu artificialmente á superficie da terra; foi friccionando dois fragmentos de madeira um contra o outro que Prometheu conseguiu inflammal-os. É, com effeito, com o nome de *pramantha* que em diversas linguas do Oriente se designa o instrumento de que se servem os selvagens para accender o lume. Segundo alguns criticos, o nome de pramantha, ou prometheu, seria aquelle pelo qual se designava o homem encarregado de accender o fogo. Seja como for, o pramantha dos selvagens tem recebido não poucas modificações.

Que todas as acções mecanicas, a fricção, o choque, a compressão, etc., podem desenvolver calor, ou mesmo calor acompanhado de luz, todos o sabem. Assim, quando sentimos frio, é vulgar o esfregarmos as mãos para, por meio da fricção, desenvolvermos calor. O movimento rapido e prolongado das rodas de uma carruagem sobre o seu eixo, pela grande fricção que se desenvolve, produz muito calor, que ás vezes póde chegar a fazer apparecer faiscas.

Quando a bala lançada por uma grande boca de fogo com grande velocidade encontra um alvo muito resistente, por exemplo a couraça de um navio, o seu movimento é repentinamente suspenso, mas o calor desenvolvido é enorme, e vê-se brilhar um clarão. A força que animava a bala transformou-se em calorico e em luz.

Quando collocâmos um bocado de isca sobre a pederneira, e batemos sobre esta com o fusil de aço, o choque arranca particulas do aço, desenvolvendo-se tanto calor, que estas particulas se inflammam ardendo no ar, e as faiscas, caindo sobre a isca, communicam-lhe o fogo. Era este o modo de obter lume antes da invenção dos *phosphoros*. Os palitos phosphoricos, vulgarmente denominados *phosphoros*, são uns palitos tendo na extremidade uma mistura formada principalmente de salitre, enxofre e phosphoro; pelo choque, ou fricção, o phosphoro inflamma-se e communica o fogo á mistura combustivel que, portanto, facilmente incendeia o pau. Quando em logar do pau se emprega a cera, não se mistura geralmente o enxofre. É este o meio hoje mais usado para artificialmente produzir o fogo; vê-se que a acção que primeiramente o desenvolve é uma acção mecanica, o choque ou fricção: e o que depois a continúa é uma acção chimica, a combustão.

Quando se comprimem os gazes ha grande desenvolvimento de calor; assim, tomando um cylindro de vidro bem espesso, fechado inferiormente, e munido de um pistão; comprimindo bruscamente o ar, o que se consegue fazendo descer rapidamente o pistão, desenvolve-se tanto calor, que, se collocármos na parte inferior um bocado de isca, esta inflammar-se-ha, e produziremos assim o fogo por meio da compressão. Tem este pequeno apparelho o nome de *fusil de ar* (fig. 17).

Se no apparelho de que acabâmos de fallar introduzirmos um bocado de algodão embebido em sulphureto de carboneo, quando se comprime o ar fazendo descer bruscamente o pistão, obtem-se um vivo clarão.

Nas acções chimicas, como vimos, ha desenvolvimento de calor em geral, e muitas vezes desenvolvimento de calor e luz; mas as acções chimicas que se dão entre dois ou mais corpos, tendo logar em virtude das attracções exercidas pelas suas moleculas, é claro que de taes attracções resultarão choques que darão origem ao desenvolvimento de calor e luz; portanto, podêmos dizer que são sempre as acções mecanicas que dão logar á producção artificial do fogo; nas acções chimicas, como por exemplo na combustão, a acção mecanica do choque exerce-se, porém a distancias mais pequenas, como são as distancias a que se acham as moleculas dos corpos entre os quaes se produz a reacção chimica.



Fig. 17 — Fusil de ar

Os corpos solidos no estado de grande porosidade absorvem grande quantidade de gazes; assim, o carvão de buxo, por exemplo, absorve uma enorme porção de gaz amoniaco. Da attracção molecular entre os solidos e os gazes resultam necessariamente choques, e, portanto, desenvolvimento de calor, que muitas vezes póde ser acompanhado de luz; tal é o caso da esponja de platina, em que este metal se acha n'um estado de grande porosidade, e que tem a propriedade de absorver o gaz hydrogeneo com tal força, que se desenvolve muito calor e luz que o faz inflammar. Esta propriedade da esponja de platina foi utilisada n'um pequeno apparelho destinado a produzir lume prompto, denominado fusil ou lampada de hydrogeneo (fig. 18).

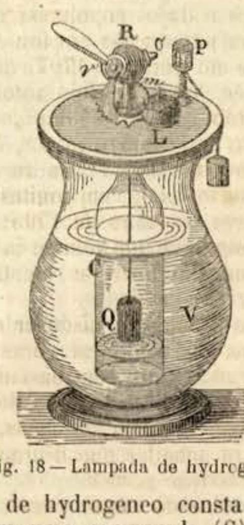


Fig. 18 — Lampada de hydrogeneo

A lampada de hydrogeneo consta de um vaso fechado (V) com uma campanula (C) aberta inferiormente, e dentro da qual se acha suspenso um pequeno cylindro de zinco (Q). Dentro do apparelho existe agua acidulada pelo acido sulphurico; este aci-

do, actuando sobre o zinco, faz desenvolver o gaz hydrogeneo, que vae para a parte superior da campanula, fazendo descer o liquido que n'ella se acha, de modo que o zinco deixa de mergulhar, parando, por consequencia, o desenvolvimento do gaz. Abrindo a torneira (R), para o que se carrega n'uma alavanca (r), o gaz sae pelo orificio (o), e é dirigido sobre uma esponja de platina mettida n'um supporte metallico (P); da absorpção do gaz pela platina resulta desenvolver-se fogo e inflammar-se o gaz; e como quando se apoia o dedo sobre a alavanca (r), esta, por meio de uns engrazamentos, faz chegar o pavio de uma pequena lampada ao jacto do gaz inflammado, o pavio accende-se.

Deixando de carregar com o dedo na alavanca (r), uma pequena mola faz voltar tudo á primitiva posição, ficando fechada a torneira.

Logo que o gaz hydrogeneo sae, o liquido sóbe dentro da campanula (C); e, molhando o zinco, de novo o acido sulphurico reage sobre este metal, desenvolvendo-se mais gaz hydrogeneo.

Deve haver cuidado em não deixar introduzir ar dentro da campanula, porque se á mistura de ar e hydrogeneo por acaso se communicasse a chamma, haveria uma explosão que faria rebentar o apparelho em estilhaços, com risco das pessoas que se achassem proximas.

X

ESPECTRO SOLAR

A luz e o calorico, quando marcham n'um meio homogeneo, propagam-se em linha recta; vê-se bem a direcção rectilinea dos feixes luminosos, deixando entrar n'uma casa escura os raios do sol apenas por um orificio feito na porta de uma janella; os raios de luz illuminam o pó que encontram no seu trajecto, e que se acha suspenso no ar, produzindo assim uns rastos luminosos em que se vê perfeitamente a direcção rectilinea.

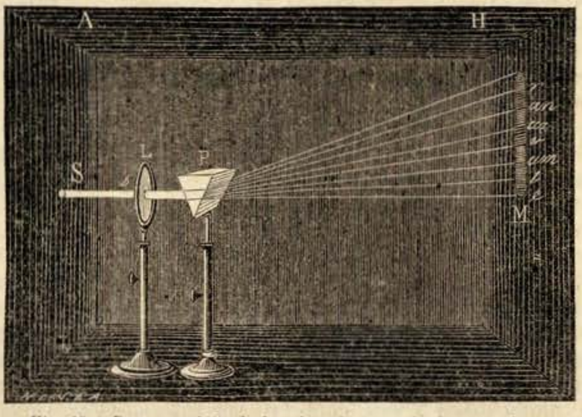


Fig. 19 — Decomposição da luz do sol por meio de um prisma

A direcção rectilinea da propagação dos feixes luminosos e calorificos deixa, porém, de se conservar a mesma quando passam de um meio para outro de diversa densidade ou composição; assim, por exemplo, quando passam do ar para o vidro, ou do ar para a agua, etc., mudam de direcção; este desvio na propagação dos feixes luminosos ou calorificos chama-se *refracção*.

Os raios de luz branca do sol compõem-se de raios de diversas côres. Os raios de luz diversamente córados, quando passam de um para outro meio, soffrem differentes desvios; d'aqui resulta, portanto, a sua separação; é o que se chama *decomposição da luz*. O feixe calorifico solar tambem se compõe de raios calorificos de diversas qualidades.

Façamos passar um feixe mui delgado de luz branca do sol (S s) (fig. 19) através de um prisma de vidro (P) n'uma casa escura; os raios de diversas côres que compõem a luz branca, soffrendo diversos desvios, separam-se, e se os projectarmos sobre um alvo (M), obteremos uma imagem luminosa composta de sete côres principaes, na seguinte ordem: *encarnado, laranja, amarello, verde, azul, anil, roxo*.

D'estas côres, a que apresenta maior extensão é o roxo, e menor a côr de laranja. É esta imagem de sete côres que se chama *espectro solar*.

Se não interpozessemos o prisma na passagem do feixe luminoso, este seguiria a sua marcha rectilinea visivel pela illuminação da poeira que encontra no seu trajecto, e iria formar uma imagem luminosa branca na parede fronteira. O prisma produz, pois, os effeitos de refracção e decomposição da luz.

A natureza apresenta-nos frequentes vezes no arco-iris um bello espectro solar: o grande symbolo da reconciliação de Deus com o homem.

Sete arcos córados compõem este portico
Que, simples nos seus contornos, mas de um aspecto magico,
Parece aos filhos da terra uma porta dos ceos.

....

É o arco-iris produzido pela decomposição e reflexão da luz do sol nas gotas de agua que, por occasião das chuvas, se acham suspensas na atmosphera.

As diversas côres do espectro não tem todas as mesmas propriedades; assim, o maximo poder luminoso existe nos raios amarellos; a mais elevada temperatura no encarnado, e sobre tudo no espaço obscuro que fica além do encarnado, que é, por consequencia, composto de raios calorificos obscuros. É no roxo que existe o maior poder chimico; são os raios roxos que determinam a combinação dos gazes oxygeneo e hydrogeneo com explosão, a dos gazes chloro e hydrogeneo, o enegrecimento do chloreto de prata, etc. É pela acção d'estes raios roxos que principalmente se impressionam as placas revestidas de chloreto ou de ioduretc de prata no daguerreotypo e photographia; mas, além dos raios roxos do espectro, ainda ha outros raios invisiveis, que tambem possuem grande poder chimico.

O espectro apresenta em toda a sua extensão um grande numero de raias ou linhas escuras; observam-se bem recebendo n'uma casa escura um feixe de luz do sol por uma fenda muito estreita, e olhando para esta fenda por um prisma a 3 ou 4 metros de distancia, collocando as arestas do prisma parallelas á fenda.

As raias principaes, conhecidas com o nome de raias de Fraünhofer, por ser este constructor quem pela primeira vez as observou e estudou em 1815, em Munich, são designadas pelas letras *A a B C D E b F G H*; achando-se *A* no extremo encarnado, *a* a um lado, *B* no meio, *C* entre o encarnado e laranja, *D* na côr de laranja, *E* no verde, *F* no azul, *G* no anil, *H* no roxo, *b* no verde perto do azul.

Vêem-se bem as raias do espectro solar fazendo atravessar o feixe de luz do sol por uma lente convergente de vidro (L) antes de atravessar o prisma, e projectando o espectro n'um alvo. Reunindo os raios das sete côres do espectro solar, fórma-se a luz branca.

Para ver como a reunião das impressões das sete côres do espectro produz a luz branca, pintam-se n'um circulo de cartão as sete côres, indo do centro á circunferencia, formando uns quatro ou cinco espectros; dando um rapido movimento de rotação a este eixo por meio de umas rodas e uma manivella, os nossos olhos recebem quasi simultaneamente as impressões das sete côres, cuja reunião fórma o branco; de modo que, se estão bem pintadas, vê-se durante o movimento o disco branco.

As sete côres do espectro dizem-se *côres simples*, porque, fazendo passar os raios córados através de um prisma, a côr da luz fica a mesma.

(Continua) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio